

UM CEARENSE

TINO FREITAS TROUXE DO CEARÁ UMA DAS CARACTERÍSTICAS MAIS MARCANTES DOS HABITANTES DO ESTADO: O BOM HUMOR

Minervino Júnior/Especial para o CB

99 MIL
CEARENSES
MORAM
NO DF

LETÍCIA NOBRE

DA EQUIPE DO CORREIO

A música embala a vida do cearense Tino Freitas, 35 anos, há duas décadas. E quase metade desse tempo foi dedicado aos acordes em solo brasileiro. Uma paixão que virou o reggae chamado "Tem cearense no cerrado". Uma das estrofes resume o olhar dele sobre Brasília: "... nesta cidade, que só pensa em trabalho, trago minha canção pra você se divertir", cantarola.

E é justamente o bom humor que o músico considera ser o legado que os nascidos no Ceará plantaram no Distrito Federal. "Viemos, com maranhenses e piauienses, para ser mão-de-obra. É a primeira referência, mas não é a única", afirma. "As dificuldades não abalam o humor cearense."

Ele lembra a primeira cena marcante da sua chegada, em 1999. "Desci no aeroporto e a primeira parada foi em uma banca de revistas, a Banca de Sobral (cidade no interior cearense). Tive certeza de que estava no lugar certo e que minha visita seria para sempre", conta.

A viagem de mochila nas costas e CDs nas mãos duraria 20 dias e está prestes a completar 10 anos.



Recém-chegado, adotou uma estratégia para aproveitar melhor a cidade. "Vim sem carro e pude conhecer os detalhes nos arredores de onde morei, fosse em Sobradinho ou na Asa Norte. Encontrei lugares que não conheceria se estivesse motorizado." Nesse período, Tino freqüentava a noite brasileiro, pedia para dar uma canja nos bares e aproveitava para vender seus CDs. "Era meu único sustento. Poucos cantores da noite tinham CDs para oferecer naquela época, ainda mais com trabalho autoral", recorda-se, entusiasmado.

Três anos depois, casou-se com a goiana Ana Paula Bernardes, 36 anos, moradora de Brasília desde a infância. Na bagagem, três enteados: Cecília, hoje com 21 anos, Pedro, de 11, e Júlia, 9. "Eles são mais um presente que ganhei aqui", comenta

Freitas. Desde 2004, ele é produtor artístico de um bar que promove shows com ritmos típicos cearenses. "De segunda a segunda, promovemos a diversidade nordestina na casa. Faço esse intercâmbio com artistas daqui e de lá."

A boa recepção não ameniza a nostalgia de Fortaleza. "Sinto falta da molecagem, das brincadeiras típicas de lá", lamenta. "Sem contar o meu filho (Pedro, 10 anos), o calor, as praias e toda a atmosfera que não se encontra em nenhum lugar do mundo", complementa. Enquanto espera as férias escolares para viajar com a família para o Ceará, o jeito é visitar a Feira do Guará e desfrutar dos pratos da culinária cearense. "Como de buchada de bode a baião-de-dois." E não dispensa outras iguarias: sarapatel, sarabulho, panelada, paçoca, carne-de-sol...

"FORTALEZA JÁ
ME DEUTUDO
O QUE PODIA.
VIM PARA CÁ
EM BUSCA DE
DESAFIOS"

Tino se declara um apaixonado por Brasília, incapaz de deixar a cidade para voltar para o Nordeste. "Fortaleza já me deu tudo o que podia. Vim para cá em busca de desafios", relata. "O Ceará me deu essa forma de brincar e de ser querido e é assim que me sinto aqui."

Mesmo morando no Guará, o músico e produtor artístico ainda encontra tempo para se dedicar ao projeto Roedores de Livros, em Ceilândia Norte. Em um espaço pequeno cedido por uma das escolas públicas da região, ele, a mulher e alguns amigos promovem oficinas de pintura, leitura e discussão de livros para um grupo de 30 crianças com idades entre 5 e 10 anos. "Eles chegam tímidos, desconfiados e ganham uma oportunidade de viver fantasias aos sábados de manhã", diz. "É importante ajudar essas crianças que não têm opções de lazer. É uma satisfação pessoal saber que com os livros que pegam emprestado contam histórias em casa." É o modo que Roberto encontrou para devolver a Brasília o bom acolhimento que a cidade lhe deu.